

REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

PUBLICAÇÃO MENSAL

Collaborada pelos associados

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 15 DE FEVEREIRO DE 1884.

N. 15.

REVISTA DO CENTRO LITTERARIO

Rio de Janeiro, 15 de Fevereiro de 1884.



COUSAS DO NOSSO TEMPO

A mocidade de hoje, como a dos ultimos seculos do declinio da civilisação romana, mergulha-se no materialismo brutal e olvida os prazeres do espirito que nobilitam o homem, para obedecer aos desejos da carne que o aviltam.

Actualmente, fallar a um joven para o fazer socio de qualquer associação litteraria, é imprudencia que só poderá ser commettida por quem não souber que a mocidade prefere a tudo que ha de elevado e nobre, as sabbatinas carnavalescas, nas quaes habitualmente se embriaga, joga e convive com as *horisontaes*.

A promiscuidade impudica e aviltante em que convivem a mocidade e as *mulheres da rua*, é a causa do mal-estar social, que começa a manifestar-se na desorganisação da familia, na inacção intellectual da mocidade e no abatimento moral que se observa por toda a parte.

Se eu fosse pessimista, diria que este abatimento moral era symptoma pronunciadissimo de que a civilisação moderna começava a declinar, como já suspeitaram alguns moralistas philosophos.

O meu intuito, porém, é registrar que as tendencias actuaes da sociedade são para o mal, o qual parece atrahil-a irresistivelmente. A prova d'isso temol-a nós, no pouco caso que todos fazem das associações que proporcionam aos seus associados elementos de instrucção variada e uma educação litteraria superior.

Já houve *Zoilos* que tentaram ridicularisar estas aggremações litterarias, que tantos sacrificios custam a quem as dirige e que tão beneficas se tornam para os poucos moços que as frequentam; porque n'ellas aprendem a ter amor ao bello litterario e a estimar a virtude, que é a synthese do bello universal. Mas, in-

felizmente, nem todos comprehendem esta verdade, porque o mercantilismo os absorve com sua avareza torpe, que tudo transforma e abastarda.

E' realmente contristador observar a vida que leva a mocidade actual, entregando-se a praticas condemnaveis, quando podia empregar bem o seu tempo, frequentando associações litterarias, que lhe dariam instrucção variada e que lhe ensinariam o caminho mais proximo para chegar á perfectibilidade humana.

As associações litterarias, apesar de todos os desvarios da mocidade, do grunhir dos *Zoilos* infatuados e do abandono a que são condemnadas pela maioria da sociedade — continuarão, persistentes, a cumprir o seu nobre e alevantado fim: « regenerar as sociedades, elevando a moralidade do homem pelo cultivo das faculdades intellectuae. »

Rio, 15 de Fevereiro de 1884.

ANTONIO DE SÁ.

NÃO RESPONDES ?

VEM roceira! tudo em ti
tem tanta graça e belleza,
como á tarde a natureza
quando geme a jurity

Descalça assim como estás,
roceira por excellencia,
sinto, ao ver-te, a innocencia,
dos brincos correndo atraz.

Quando o sol desaparece
é que mais minh'alma cresce
de esperanças inda em flor!

Canta então terna *coláta*;
mas que tristeza, se a ingrata
não responde ao seu amor!

ARARY.

CRUEL


A estrella do meu fadario,
A rola por quem suspiro,
Respira o ar que eu respiro...
Reside ao pé d'um vigario.

Seu seio, branco, *usurario*,
Bem pôde ser o retiro
Aonde mora e admiro
Um coração refractario.

Passo, os pequenos me fitam
E fallam... os lenços se agitam!
E ella, desgrenhando as tranças,
Para evitar um escandalo,
Como se eu fosse algum vandalo,
Dá pescoções nas crianças.

A. ONACHEMA.

Ziguezagues

 bem sei quem são os culpados da *peça* que prego ao leitor, mas não os aponto á execração publica, porque pulsa-me no peito um coração todo dado ás sensibilidades; se não fôra isto, vingar-me-hia solememente, dando um exemplo de brioso desforço.

E' o caso que, ha dias, senti crescer-me uma necessidade impreterivel de profligar, n'uns *alexandrinos* truculentos e abundantes de adjectivos pyramidaes, os males que impellem esta patria ás bordas do abysmo; e, n'esta faina de dar pancada, não me escapavam os grandes timoneiros que dirigem a *nau do estado*.

Haveria bordoad a valer! Corriam-me pelas veias, de braços dados, o patriotismo e a indignação!

E fil-os! Que *alexandrinos*! Tinha-os todos uns ao pé dos outros, bem enfileirados, com ares marciaes, promptos á primeira voz... Soldados, estavam alli! Aquillo era só dizer: — Fogo! Ah! eu sentia-me forte de orgulho!

Como minha vaidade gemesse em cocegas ante aquelle immenso batalhão de defensores patrios, que era obra minha, que era fructo laborioso de meus minutos momentos de ocio, ardi em pruridos de expol-os á curiosidade de alguns criticos, antes que tivessem entrada pelos arraiaes da publicidade.

A exposição effectuou-se precedida de modesta apresentação; mas, pela minha mente, como em sonho, desenrolava-se já um epilogo crivado de admirações e complimentos — a minha gloria emfim!

As considerações á meu respeito choveriam copiosamente! Um, expenderia sua *humilde opinião* sobre minha individualidade e prognosticar-me-hia uma das maiores celebidades d'este seculo; outro, depois de estirado e conciso discurso, durante o qual teria occasião de fulminar as nossas instituições e de lastimar os males que nos rebaixam degradantemente, opinaria, em concludente peroração, tendo no rosto estampada inabalavel convicção, que o Brazil, apesar de immenso, seria muito pequeno para conter-me e que elle, se fosse eu, alava-se ás regiões onde a *Marselheza* é o canto da liberdade! Lá, sim, é que saberiam admirar-me! Aqui, não! Somos um povo carcomido pela politica, essa desorganizadora do nosso bem-estar social! O egoismo, é o Deus sob cuja doutrina vivemos! Dinheiro! — eis a nossa inspiração! Dinheiro! sempre dinheiro!

E muitos outros pensamentos percorrer-me-hiam ainda o cerebro, se eu não ouvisse bem distinctamente a voz da realidade que me gritava trovejante:

— O senhor não sabe! Os seus *alexandrinos* são aleijados: têm *pés* de mais e *pés* de menos! E' um igno-

rante! Vá aprender! Estude! Consulte as grandes obras e os grandes mestres! Vá á praia! Ao lixo! Deixe-se de *bobagens*! Tôlo! Chi! Bestarrão! Estupidarrão! Asnã! Macacão, Simão!...

Basta!

.....
E ahi está porque não publico os taes *alexandrinos*.
Hão de pagar-me!

A VELINO LISBOA.

A LUCTA

Mais lucida que os raios dardejantes,
Mais amena que as cousas divinaes,
Uma virgem como as virgens fluctuantes,
Que imaginamos nos castos idéaes,

Corria n'um piano as mãos velozes.
E das cordas a sonóra vibração
Era um conjuncto angelico de vozes
Que matavam-me o calmo coração...

O seu porte era nobre, encantador,
E os olhos como os olhos feiiceiros
Que nas lojas da rua do Ouvidor
Se lançam nos bigodos dos caixeiros.

Tinha o sorriso, soluçante, que arde
Nas senhoras, que vagarosamente
Passeiam juntas ao cahir da tarde
Nas chac'ras dos barões, em São Clemente.

Era sublime... e tinha a tez tão fina,
Que recordava a fascinante côr
Da derme da esbelta dansarina
Que bailava no grande *Excelsior*!...

Lancei o meu olhar á casta virgem...
E ao ver aquelle rosto encantador,
Banhrou-se minh'alma na vertigem
D'un desejo atróz, d'un louco amor.

Ella tombou, exhausta, languorosa,
Por virtude magnetica, secreta,
D'uma força subtil, mysteriosa,
Aguda como a ponta de uma setta.

E cega, louca, pallida, exangue,
Fragil e tremula, me disse: — «Escuta:
«Sinto nas faces o calor do sangue;
«Andam os órgãos do meu corpo em lucta»—

Abriu-se-me no intimo do craneo
A bocca d'um volcão, cuspindo o crime:
Emblei meu pensamento subitaneo
Na corrente caudal de um mar sublime...!

Despertando do fébril paroxismo,
Abri os olhos. Oh! Deus! Que tentação!
Vi junto a mim a bocca d'um abysmo:
— Era ella que me dava o coração...

.....
— Desvia-te de mim pura belleza;
Não queiras ser de subito queimada
Na vontade sequiosa, envenenada,
Que ferve-me no peito, rubra, accesa.

Foje de mim, criança immaculada!
Não queiras ser d'um tigre humilde presa,
Não queiras vêr no chão tua pureza,
Retorcer-se na lama, verminada.

— Ai de ti se crestada e abatida,
No frenesi febril d'agitação,
Desmaiasses n'um goso vão da vida...

Váe!... que a mão potente da Razão,
Severa, cicatriza-me a ferida
Que envenena e me abraza o coração.

Rio, 15 de Fevereiro de 1884.

ELEUTHERIO D'AGUIAR.

UMA FLOR

A mimosa margarida
Que tu me deste, querida,
Como a rainha das flores;
Como tu não tem encantos,
Pois os teus são tantos, tantos
Que me inspiraram amores!

Os teus sorrisos são flores;
Os teus lábios têm as cores
Do coral ou da roman;
São teus olhos scintillantes
Como as gottas orvalhantes
Quando vem vindo a manhan.

Tuas faces, rubras, mimosas,
Como duas lindas rosas
Pendentes inda do galho,
Enganam as borboletas
Ao beijal-as inquietas
Buscando gottas de orvalho!

As tuas mãos, finas, delgadas,
Por mim mil vezes beijadas
Com effusão e ternura;
Parecem dois bentos cyrios
Rogando pelos martyrios
Dos filhos da desventura.

J. PILLAR.

BIOGRAPHIA

(SEM ALLUSÃO)



ANNA Tretas, filha legitima do Domingos Tretas e da Rosa do Portello, nasceu a 29 de Fevereiro de 1862, na pittoresca Villa de X, patria dos caranguejos e de muitos vultos engraçados, phosphoricos, e, para rimar, historicos.

Aos seis annos de idade, sendo acommetida de sarampo, foi Anna Tretas vaccinada por causa das bexigas.

Desde tenra idade revelou grande geito para dar á lingua que a tinha bem comprida: das de palmo.

Seus pais, ou por que sim, ou por que tal e sim senhores, mandaram-n'a para a escola regia, dirigida pela Chica do Monte.

Desde então começou Anna Tretas o decorar as lições, a fazer renda, a escrever ganchos e riscos, a furter pennas e a puxar os cabellos das companheiras, por *da cá aquella palha*.

Sobretudo n'esta ultima especialidade mostrou Anna Tretas progressos notaveis, sendo por isso expulsa da escola a bem da integridade do couro cabelludo das condiscipulas, as quaes estavam em risco de ficarem carecas, se a Anna Tretas continuasse a esgadanhal-as.

Produzio este facto um certo abalo no animo dos pais, abalo que se traduzio em pancadaria no corpo, já robusto, de Anna Tretas.

Esta, depois de estar quatro dias de cama a tratamento de sal e vinagre e a dieta de pão e agua, fugio de casa de seus pais e metteu-se em casa de uns seus parentes que, apezar de serem inimigos dos pais de Anna Tretas, trataram esta com summa bondade, dando-lhe até serviço para ella ir ganhando alguns patacos.

Assim arrumada, Anna Tretas vivia satisfeita, quando, em virtude de umas viravoltas matrimoniaes, ella foi elevada ao grão de... prima do meu irmão.

Comecei, então, a tratá-la mais de perto; e nesta convivencia tive occasião de observar que a minha prima depunha muitas vezes as cardas ou as agulhas e agarra-se a um livro que ella guardava lá debaixo de um oratorio.

Perguntada diversas vezes sobre o intuito que a levava áquella leitura, ella respondia que todo o seu desejo era escrever um romance para o *Primeiro de Janeiro*, folha do Porto, que deleitava os seus leitores com a publicação de romances de capa e espada.

Para animá-la em tão justo empenho fornecia-lhe livros que ella lia soffregamente.

Um dia... parti para cá.

A primeira carta da minha prima Anna Tretas revelou-me o quanto ella havia aproveitado de seus estudos. Na verdade, ella escrevia quasi correctamente a lingua portugueza e alem disso, mostrava certas propensões para a critica.

Novas cartas que recebi, transformaram as minhas supposições em certeza: a minha prima Anna Tretas é hoje, naquelle meio vicioso, uma litterata apreciavel, se bem que de historia só conheça a da *carochinha*.

O seu estylo é variadissimo: ora toma uns tons graves de preceptor, ora é leve e mordaz, ora timido e fraco. E' um verdadeiro termometro o estylo da minha prima Anna Tretas, que sóbe e desce á feição da temperatura em que está o cerebro da escriptora.

E para provar isto e mesmo para terminar a biographia da minha prima Anna Tretas, transcrevo aqui, uma das muitas cartas que ella me tem enviado.

(Continúa.)

J. R.

DESALENTO

A. J. S. P.

I

Nesta miseria em que a sorte
Minha existencia prendeu,
Triste espero sempre a morte
Sem alguém que me conforte
Sem peito que entenda o meu.

Men Deus! Men Deus! se esta vida
E' eterna e não tem fim;
Se tua mão ha de, erguida,
Negar á dor a guarida,
Raioes lançar contra mim;

P'ra que és Deus! p'ra que tiraste
O meu ser do barro immundo?!
Porque antes me não deixaste
N'argilla vil que amassaste
Quando formaste este mundo!...

II

Sou rosa que, despegada
Da debil haste, cahiu;
Sou areia arrebatada
Na torrente mergulhada
Que a voragem consumiu!

Sou o lyrio da montanha
Nascido ao desabrigo:
Sou vaga que o mar assanha,
E de furia assim tamanha
Deixa o rochedo abatido.

Mas a montanha, o rochedo,
Não sentem, nem tem vida:
Mas eu, meu Deus, tenho medo!
— Da-me o funebre lagedo
Da-me da tumba a guarida.

CALP.

CONSULTA

(A' J. REIS)

TENHO duas namoradas tão gentis,
Que esboçar-lhes os retratos n'um soneto
E' cousa em que por medo não me metto
Temendo desfigurar os seus perfis.

Escuta. Tu que és serio — e não sorris
Das victimas imbelles do secreto
E diabolico amor — pois és discreto
Vem pôr-me aqui os pingos sobre os ii:

Uma é rica... mas feia — cruel natura!
E a outra... oh que belleza! Que esculptura!
Mas de *côbres*, meu Zé, isso nem *weta*!

Pois bem, dize-me cá: qual d'llas pilho?
— A maravilha, a luz de tanto brilho,
Ou a que dispõe dos *brilhos* na gaveta?!

AVELINO LISBOA.

Um juramento fatal

(Continuação)

Dentro em pouco tempo a tempestade havia augmentado desproporcionalmente. Os receios do capitão estavam tendo immensa realidade.

A' bordo, uma pessoa conservava-se fóra de si: — era o Trafaria que, pela primeira vez em sua vida se enganára; motivo este que o acabrunhou intensamente. Também, por honra do velho marinheiro, deve-se dizer que fóra o primeiro a dar o exemplo de não se arredar do convéz no momento da lucta e do desespero. O alimento para si tornava-se uma cousa secundaria. Toda a tripolação seguia-o n'esse transe difficiloso e heroico.

A's oito horas, estavam á vista os pharóes; mas a tempestade não se applicava. A noite era escuridão completa. Os marinheiros alagados, conservavam-se apoiados á amurada, enquanto que as ondas revoltas entravam pelo convéz.

Alberto de Magalhães, de botas que lhe chegavam até aos joelhos, e mettido n'uma espessa capa de bor-racha, passeava, agitadissimo, de bombordo para estibordo.

A correnteza d'agua, tão intensa, encommodava-o bastante, mórmente porque a terra se avisinhava.

— *Arria a giba! Terra! Animo, rapazes!* exclamava Alberto á sua equipagem. *Lesto a virar! Ala braços a barlavento! Mette de lá! Oh do leme! Larga amuras! Leme a meio!*

— Não obedece, Sr. capitão! bradou o homem do leme.

— *Larga o ferro de bombordo!*

Estas manobras foram bem executadas. A posição do navio não era das melhores, e o naufrágio era inevitavel. Sentio-se o navio tocar em pedra. — Largar ferro! rugiu o capitão. O vento soprava com violencia, e a proximidade da terra era uma fatalidade horrorosa!

A tripolação já se achava um tanto desanimada. O Trafaria os animava:

— Vocês ainda não viram nada! Eu queria vel-os apanhar um temporal desfeito no golpho de Biscaya ou ao dobrar o cabo d'Horn; então sim! veriam dançar mosquitos por cordas!

— Aqui ninguem tem medo, replicou lhe do lado um dos marinheiros; o que nós estamos vendo é que o navio vae cada vez mais para terra, e o cabo Raso não é para brincadeiras! — Vae fazer um anno que aqui se perdeu uma escuna ingleza, asseverou um outro.

— Ha de ser o que Deus quizer!

— Larga ferros de estibordo! bradou o capitão.

— Larga, rapazes! exclamou o Trafaria, que quasi não teve tempo de pronunciar estas palavras.

— Estamos perdidos! O navio anda cada vez mais para o precipicio! o leme não governa! Aprrompta a lancha!

A confusão era geral. Estas ultimas palavras, tão desanimadoras, pronunciadas pelo proprio capitão, trouxeram a angustia para os animos.

A situação era desesperada! — E' n'essas momentos difficeis da vida, que vem á imaginação do homem do mar o que elle mais préza no mundo.

A angustia e a afflicção, minam-lhe a alma dilacerada. Ouve uma voz mysteriosa que lhe diz: — tu vaes morrer! Acorda do pezadello que o sonambulisa, reage contra si, busca um meio de salvação, lembra-se de seus companheiros e morre mandando um adeus á familia e á patria.

Ao desenrolar esta tragedia, o que se passava com o capitão?

Estava na camara, tendo ao pé de si os livros de bordo e sobre a mesa os retratos de seus pais, quando entrou o Trafaria.

(Continúa).

INNOCENCIO CRUZ.

EXPEDIENTE

Continúa a haver expediente — na secretaria do Centro Litterario, á RUA DE S. PEDRO N. 147, 1.º ANDAR — ás segundas, quartas e sextas-feiras, das 7 ás 10 horas da noite.

Nesses dias estará á disposição dos Srs. socios a bibliotheca da sociedade e jornaes e *Revistas* de Portugal e do Brazil.

Desde o dia 15 de Dezembro de 1883 até hoje, enviaram-nos, pontualmente, os seguintes jornaes e *Revistas*:

Da Côrte:—*Revista Illustrada, Mequetrefe*, (periodico illustrado), *Cruzada, Campedo Lusitano* e o *Boletim da Sociedade Central de Imмиграção*.

Das provincias:

Alagoas:—*O Papagaio, O Estandarte, A Intrucção*.

Bahia:—*Gazeta da Tarde, O Guarany, O Regenerador* e o *Echo Maragogipano*.

Ceará:—*O Cearense*.

Espirito Santo:—*O Horizonte* e o *Espirito Santense*.

Goyaz:—*O Porvir, A Provincia de Goyaz*.

Maranhão:—*A Pacotilha*.

Minas Geraes:—*O Baependyano, Monitor Uberabense, Gazeta de Uberaba, Arauto de Minas, Livro do Povo, A Sensitiva, Itajubá, O Microphono, O Recreio, A Providencia*.

Pará:—*O Diario de Noticias*.

Paraná:—*A Gazeta Paranaense*.

Pernambuco:—*A Tribuna*.

Piahy:—*A Floresta*.

Rio Grande do Norte:—*Brado Conservador*.

Rio de Janeiro:—*O Fluminense, O Arauto, O Artista, Carris Litterarios, S. João da Barra, Monitor Fidclense, Monitor Campista, Tymburibá, Itatiaya, Vassourense, Provinciano, O Mercantil, Correio de Cantagallo* e a *Gazeta de Valença*.

Rio Grande do Sul:—*O Pharol, Libero, Echo Lusitano*, e o *Arauto das Lettras*.

Santa Catharina:—*A Verdade*.

S. Paulo:—*O Recreio, O Tempo, O Bananal, Nortista, Gazeta da França, Gazeta de Taubaté, Brado da Lavoura, Rio Branco, Tribuna do Norte*, e a *Folha Paulista*.

De Portugal:

A Voz do Douro, A Sentinella da Fronteira, O Alto Minho, O Primeiro de Janeiro, A União (Acores), *O Sorrete* (espiritoso periodico illustrado), *Aurora do Cavado, O Imparcial, O Pombalense, O Periodico, Dez de Março, O Commercio de Portugal* e o *Jornal de Estarreja*.

Agradecendo cordialmente a todas as respectivas redacções, não podemos deixar de especialisar aquellas que, por sua extrema bondade, têm prodigalisado elogios, aliás imerecidos, á nossa associação e ao seu modesto orgão.

Temos ainda a registrar as seguintes ofertas, que muito agradecemos:

— Relatorio da Sociedade Propagadora da Instrucção aos Operarios da Freguezia da Lagóa;

— Documentos relativos á fundação do Museu Escolar Nacional, e o «Guia» para os visitantes do mesmo museu;

— Relatorio da directoria do Gabinete Portuguez de Leitura, no Rio de Janeiro, em 1882.

— *Revista commemorativa do 6.º anniversario da morte de José de Alencar*: homenagem assaz eloquente prestada á memoria, inolvidavel, do emerito escriptor-poeta, pela distincta directoria do «Centro L. S. José de Alencar.»

Typ. Hildebrandt, r. d'Ajuda n. 31.